



A GESTÃO PARTICIPATIVA COMO ELEMENTO CONTRIBUINTE NAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO ESPECIAL: Escola, Família e Crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)

Autor: Gabriela Santana da Costa (UFAM)

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria do Perpétuo Socorro Duarte Marques (UFAM)

RESUMO:

O trabalho apresentado visa explicar sobre as dificuldades encontradas pelas escolas que recebem crianças com TDAH, dentre as quais o papel do professor atua diretamente no progresso dessa criança dentro da escola. A Educação Especial representa em sua conjuntura uma resposta frente às atuações pedagógicas para com esses alunos bem como quando associada à Gestão Participativa, ou seja, o trabalho colaborativo entre escola, comunidade em benefício da criança proporciona no educando um momento de aprendizagem significativa e satisfatória. . Os desafios que ainda permeiam frente ao ensino dessas crianças consistem no conhecimento e na pesquisa do educador frente às dificuldades da mesma.

Palavras chave: Atenção, Aprendizagem, Socialização, Hiperatividade.

ABSTRACT:

The present work aims to explain the difficulties encountered by schools that receive children with ADHD, among which the role of the teacher acts directly in the progress of this child within the school. Special Education represents in its conjuncture a response to the pedagogical actions towards these students as well as when associated to Participative Management, that is, the collaborative work between school, community for the benefit of the child provides in the student a significant and satisfactory moment of learning. . The challenges that still permeate the teaching of these children consist in the knowledge and research of the educator in the face of the difficulties of the same.

Keywords: Attention, Learning, Socialization, Hyperactivity.

I- INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção- TDAH- é o transtorno mais comum no campo das dificuldades de aprendizagem (D.A), pois afeta cerca de 15% dessas crianças

onde desencadeia uma dificuldade em prestar atenção, controlar as emoções e um não direcionamento do pensamento antes de suas ações, ou seja, a hiperatividade é uma inquietação extrema que exerce um reflexo mais que negativo no que se refere à aprendizagem dessas crianças dentro das escolas.

Neste parâmetro da observação do professor com aluno, o que se percebe é que na maioria dos casos a equipe pedagógica e a família passam a vincular rótulos a essa criança que não consegue aderir a sua metodologia de trabalho ou socializar com os demais, como aluno “desatento”, “agitado”, “danado”, “emotivo”, “preguiçoso” e até mesmo “incapaz”. Em consequência dessa má interpretação diversas crianças com TDAH são denegridas ou ignoradas dentro do ambiente onde deveriam estar aprendendo as suas funções enquanto cidadão e elemento contribuinte de sua sociedade.

A Gestão Democrática surge como elemento que possibilita dentro deste processo educativo agregar família, escola e comunidade para com os problemas enfrentados pela escola bem como informar e desenvolver possíveis melhorias, ou seja, integrar este aluno com TDAH nas salas de aula pode e deve ser fruto de uma gestão preocupada com o bem-estar deste aluno e principalmente com seu desenvolvimento integral tendo em vista uma análise do contexto escolar e social que o mesmo está inserido. Esse modelo de gestão, portanto, representa para as pesquisas educacionais, um avanço na forma de administrar e organizar a estrutura educacional dentro das escolas, determinando práticas e propostas resultantes da comunicação, desejo coletivo e principalmente pelo diálogo.

II- O TDAH E O TRABALHO MULTIDICIPLINAR

A identificação dessa criança com TDAH deve agregar diversas propostas que norteiam as suas condições sociais de modo a contribuir para a liberdade de expressão e manifestação dos anseios da mesma.

“O diagnóstico é complexo e exige um olhar multidisciplinar. É pautado no quadro clínico comportamental, e devem ser levados em consideração os ambientes em que vive a criança ou o adolescente, além da qualidade da interação com estes”. (SAMPAIO, 2011, p.139).

Determinar o papel de cada membro desta avaliação requer deixar visíveis os campos em que surgem as dificuldades da criança visando solucionar e criar mecanismos que auxiliem o seu convívio e principalmente seu desenvolvimento integral.

A avaliação pode está condicionada á profissionais como professor, psicólogo, psiquiatra, psicopedagogo e a família da criança. Mediante essa situação são cogitados a aprendizagem da criança com o papel do professor, condicionar para esta criança momentos de aprendizagens significativas, provas ou situações que visualizem seu potencial intelectual para possíveis intervenções. É necessária ainda uma comprovação clínica, na figura dos médicos, por exemplo, que validem as informações tendo em vista as características não somente sociológicas, mas também neurológicas, de origem clínicas.

Outra atuação importante é o psicólogo que através do seu acompanhamento consegue traçar todo um perfil comportamental desta criança aliando ainda á questões afetivas já comprometidas ou propícias. Em consequência desse aparato a criança com TDAH se distingue das demais não por possuir uma incompetência ou por ser indisciplinada e sim por deter de uma dificuldade em ponderar a sua atenção que deve ser discutida no âmbito familiar, pedagógico e clínico. Toda essa análise se inicia com um esboço das atitudes da criança em diferentes locais podendo ser estes sinais resultantes ou potencialidades relativas ao transtorno.

Como resultado cabe à família através do processo de anamnese, ou seja, da análise da linha do tempo da criança desde a gestação destacando os fatos que encaminham para a suposição da existência do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade- TDAH- entendida no anseio familiar como algo que incomoda e gera certo desconforto, contudo antes desta análise o que se presencia é o descaso por parte de pais e irmãos, por exemplo, que refletem na criança diversos sentimentos negativos como a depressão, ansiedade e frustração observada por GOLDSTEIN (1994) em que:

Fazer vista grossa torna-se a principal estratégia dos pais. Após repetidas tentativas fracassadas no shopping, na igreja, no grupo de escoteiro e mesmo nas atividades cotidianas na vizinhança, os pais optam pelo isolamento e segregação como meio de evitar problemas. (p.123)

Na escola esse acompanhamento é retratado de forma mais frequente, uma vez que é neste estabelecimento que a criança manifesta as suas dificuldades com relação à aprendizagem e ao seu processo de interação social. O professor tem a função de estipular uma parceria com a família de modo a traçar mecanismos que visem à aprendizagem do aluno junto a sua concepção de mundo.

Ainda no campo pedagógico é função do pedagogo e/ou psicopedagogo ministrar sessões que visam o potencial intelectual dessas crianças através de provas e esquemas cognitivos aliados a idade cronológica e de mecanismo que estimulam a criança a conhecer a si e a sua realidade.

A Escola passa a assumir, portanto, a principal responsabilidade pela aprendizagem da criança quando relacionada à prática de ensino. Essa situação expressa ainda que a escola como elemento social da criança com algum tipo de necessidade especial recebe funções não somente de cunho social, como também político, ético e cultural.

O trabalho que se busca exige uma constante reflexão das metodologias adotadas em salas de aulas com a criança com TDAH e que caracteriza por alguns autores como solução, o trabalho cooperativo e a intervenção pedagógica junto ao debate científico.

As escolas condicionam ainda a forma como a criança vai compreender sobre a importância do saber e do conhecimento, através das diversas formas de ler e interpretar o mundo, que o seu aluno vai refletir sobre seu contexto e sua realidade, bem como os acontecimentos que os levam a compreender sobre o porquê do seu processo educativo e suas variadas funções dentro de uma sociedade.

Assim a criança com hiperatividade quando avaliada nas suas diversas perspectivas como o seu processo histórico de desenvolvimento, da personalidade, do desempenho escolar, do relacionamento com os amigos, do comportamento em casa e na escola, e da condição clínica manifestada pela criança que possui aspectos que dificultam a criação de vínculo, mas que podem ser trabalhados de forma positiva.

O objetivo da avaliação não é classificar seu filho, ou decidir sobre um tratamento em particular (por exemplo, medicação). Um diagnóstico de hiperatividade não implica que qualquer tratamento especial seja necessário. É

tolice supor que qualquer tratamento isolado pode solucionar todas as dificuldades da criança em todas as situações. A maioria dos problemas vivenciados por uma criança hiperativa não pode ser evitada, porém eles podem ser eficientemente administrados. (GOLDSTEIN e GOLDSTEIN, 1994, p.49).

Considerada por muitos como um distúrbio de interação, a hiperatividade se faz presente nas situações mais inusitadas como uma criança que permanece sentada no parquinho, mas que se torna agitada em um restaurante. Essa análise nos permite compreender que a criança com TDAH apresenta um desempenho incompatível e que gera frustrações. Vale ressaltar ainda que a criança é hiperativa não por ser desatenta ou desorganizada e sim por permear entre tais atitudes.

É comum encontrar nessas crianças dificuldade em interesses nos assuntos escolares, pois não conseguem acompanhar o fluxo e o ritmo com que a metodologia é apresentada, tendo em vista que na maioria dos casos, não são adequadas às suas capacidades e dificuldades.

Assim a criança com hiperatividade quando avaliada nas suas diversas perspectivas como o seu processo histórico de desenvolvimento, da personalidade, do desempenho escolar, do relacionamento com os amigos, do comportamento em casa e na escola, e da condição clínica manifestada pela criança que possui aspectos que dificultam a criação de vínculo, mas que podem ser trabalhados de forma positiva.

III- GESTÃO E O PAPEL DA FAMÍLIA NO COTIDIANO DE UMA CRIANÇA COM TDAH

A responsabilidade de implantar a gestão democrática para Cury (2002) está associada em compreender essa gestão como elemento simultâneo de aspectos da transparência e impessoalidade, autonomia e participação, liderança e trabalho coletivo, representatividade e competência. Mediante essa situação, o papel da gestão democrática no processo de ensino e aprendizagem do aluno hiperativo está diretamente relacionado á participação de todos os elementos que compõe a integração deste e que auxiliam no seu desenvolvimento.

Não se pode negar que ainda encontram-se grandes dificuldades de construir propostas e objetivos para promover essa integração nas escolas, que vão desde interesses dos pais até firmar o compromisso do professor para além de um “mero

reprodutor de conteúdos” dos livros. É necessário que todos entendem suas funções sociais, tendo em vista a sua participação crítica no cenário educacional.

Essa preconização ocorre por diversos fatores como ausência das salas de recursos, má remuneração de professores, falta de projetos dentro das escolas que aproximem a comunidade e que aticem o interesse da participação efetiva desses, além de dificuldades físicas enfrentadas pelas escolas que atendem a esses alunos como quadros sem condições de uso, banheiros danificados, cadeiras sem o mínimo conforto possível, entre outros elementos que auxiliam no processo de ensino de aprendizagem de um aluno, onde se pararmos para analisarmos não possibilita aguçar no aluno tido como “normal” por alguns professores a vontade aprender que dirá para aquele aluno que possui uma dificuldade neurobiológica em manter sua concentração em determinadas atividades solicitadas?

É importante, portanto que a administração escolar democrática e participativa entenda sobre o funcionamento do processo de socialização desta criança visando, com isso, associar elementos constitutivos do processo de integração deste dentro da escola.

A criança com Transtorno de Déficit de Atenção em alguns momentos pode apresentar uma grande variação na sua postura frente à socialização ora essa criança parece estar sempre deprimida, ora sempre zangada e outras cheias de energia. Essa situação está associada ao fato de o TDAH remeter paralelamente entre autocontrole e impulsividade, essas características por sua vez possibilitam numa dificuldade em estabelecer relações entre hiperativo e sociedade.

No âmbito familiar, frequentemente essa crianças ao demonstrarem as manifestações do transtorno são comparadas com irmãos, primos e outras crianças da mesma idade. Essa atitude negativa coloca a criança numa esfera depreciativa e geradora de críticas excessivas junto à falta de paciência de pais e cuidadores.

Para amenizar tal situação, ou seja, o convívio dessas crianças, o tratamento possui um reforço, a medicação Ritalina, ajuda a controlar aspectos como hiperatividade e impulsividade do TDAH. Ainda neste aspecto outras intervenções podem ser aplicadas tanto farmacológicas quanto psicossociais. Essas crianças, geralmente com o passar o tempo e intensidade dos sintomas passam a geram nos

pais um sentimento de aversão que mais tarde se estende por toda a família e aqueles que têm contato com a criança.

Quando analisada a rotina de uma criança com TDAH, dentro de casa, o que se percebe é que elas são sempre castigadas seja com punições físicas ou comentários maldosos, como “a pestinha da casa”, etc. Esses protótipos geram na criança a sensação de que esta é um problema naquele ambiente e que por isso ouve tantos “nãos”, “para”, “fica quieto”. (SILVA, 2014, p.77).

A criança com TDAH, por deter de uma extrema dificuldade em controlar seus impulsos vive se metendo em confusões, que vão desde confrontos com irmãos ou crises no âmbito familiar que para Silva (2014) surge, por exemplo, em virtude dos seus comportamentos como “bater bola na sala em meio a todos os móveis e objetos ou por estar sempre no mundo da lua”.

O papel da família de uma criança com TDAH não difere, portanto, do papel de uma família de uma criança que não tem o transtorno, assim aspectos como cuidado e proteção, instrução e diálogo devem se fazer presente no processo de educação desta criança, buscando sempre uma relevância para ambos os sujeitos, ora família, ora criança das atitudes passadas ou futuras. Outra situação é a compreensão por parte da família dos sintomas e manifestações que essa criança pode vim a expressar, bem como suas dificuldades e possíveis limitações.

A criança precisa perceber essa instituição, como seu ponto de equilíbrio e um ambiente acolhedor que possui regras sim, mas que estão a lhe para lhe ajudar a desenvolver e se encontrar como sujeito de suas atitudes, capaz de expressar seus desejos e vontades sem que isso quase algum tipo de desconforto.

A família, com isso, vai representar na visão de Silva (2014) uma intervenção global para o problema do TDAH, e que assim proporciona para esta criança um ambiente que associa as suas dificuldades a elementos de criatividade e entusiasmo. Essas dificuldades podem ser apontadas ainda na visão dos pais como os problemas gerados na realização efetivas de tarefas, o controle do comportamento, o gerenciamento do tempo, dentre outros aspectos da vida cotidiana e que em sua maioria são elencados como situações fáceis de acontecer.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade ainda é um considerado um assunto em que muito se fala e pouco se sabe e que está presente na maioria das escolas porem de forma negligenciada, ou seja, mantido as escondidas. Essa situação se torna cada vez mais frequente quando educadores não buscam pesquisar nem observar sobre seus alunos e julgam mais fácil rotular e se acomodar perante tal situação.

Diante disso a hiperatividade pode ser entendida como um grande desafio para o hiperativo, para a família do hiperativo e para a escola do hiperativo, este desafio consiste em se apropriar da existência da síndrome e da busca pelo tratamento multidisciplinar de modo com que haja plenas contribuições para essas crianças.

Alguns autores como Araújo (2002) no *Jornal da Pediatria* aponta a escola como um lugar de acolhida a esse aluno deleitando-se sobre a ideia de que:

Na escola, é preciso que os professores conheçam algo sobre TDAH, para não criar barreiras em relação ao aluno e, assim, equilibrar a dedicação dada aos demais em sala de aula com certa atenção maior àquele aluno em particular. Sentar próximo à professora, turmas pequenas (ideal com menos de 20/sala), sala com o menor grau de detalhes que possam dispersar a atenção do aluno, permissão especial para ter mais tempo a fim de completar tarefas sem punições, ou tarefas menos longas (aumentar gradualmente), são algumas sugestões." (ARAÚJO, 2002, p.6).

A Escola situa um verdadeiro espaço de aprendizagem, onde as propostas de ensino estão relacionadas às dificuldades do aluno bem como suas necessidades. No campo dos alunos com alguns transtornos de aprendizagens, como os casos de crianças com Transtornos de Dificuldades de Atenção e Hiperatividade essa situação não deve ser diferenciada, contudo as propostas estarão agregadas a uma prática preocupada com possíveis lacunas do hiperativo.

A atenção em sala de aula é um exemplo a ser analisado como parte dessas lacunas, ou seja, manter o foco da criança durante um determinado tempo em uma atividade exigirá por parte do educador não só o ato de planejar sua aula como todas as outras, porém exigirá um planejamento pedagógico assistido de propostas variadas, com intuito de atender a classe em geral e o aluno com TDAH.

A busca consiste na percepção de uma Educação Inclusiva apontada como um das propostas mais recentes para as discussões sobre esses alunos em sala de aula e

sua integração com os demais. Macedo (2001) aponta para o desafio que temos em transformar a “escola seletiva”- que deixava de fora alunos que não correspondiam a determinados critérios valorizados na ‘escola de excelência - em uma escola que se destine a ser de qualidade para todos.

Numa esfera documental a Constituição Federal de 1988 traz como um dos seus objetivos fundamentais “promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. (art. 3º, inciso IV). Define, no artigo 205, a educação como um direito de todos, garantido o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. No seu artigo 206, inciso I, estabelece a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” como um dos princípios para o ensino e garante como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (art. 208).

Essas afirmações delegam a importância concreta e a veracidade em se trabalhar a partir das singularidades de cada aluno, respeitando suas características e investindo em suas possibilidades de desenvolvimento e de aprendizagem.

IV- CONCLUSÃO

Pensar em escola e o atendimento para com essas crianças requer evidenciar as marcas históricas pertencentes à construção do que se entende atualmente por educação inclusiva, sem desconsiderar erros e acertos deste processo. O foco dentro dessas escolas consiste em atingir interesses de duas vias: alunos e professores através de práticas que atendem as limitações individuais e respectivamente metas educacionais oficiais, o que resultará em possíveis ganhos coletivos.

As estratégias mais adequadas devem ser associadas como uma cadeia de articulação entre escola, família e a criança, que através do espírito de colaboração e preocupação com essa criança contempla a realização dos direitos que esta possui bem como garantir o acesso a bens e serviços, neste aspecto tendo-se como relevância o direito á educação.

Ao receber um aluno com algum tipo de necessidade diferenciada, o professor deve pesquisar sobre tal necessidade a fim de investigar e se apropriar das dificuldades do seu aluno e da melhor forma de conduzir o conhecimento e a sua relação social, bem como suas estratégias de ensino e prática pedagógica, o educador deve perceber ainda a necessidade de possíveis modificações no quadro e comportamento escolar, que quando estabelecidas remetem a eficiência dos trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOLDSTEIN. SAM. Hiperatividade: Como desenvolver a capacidade de atenção da criança. Campinas, SP: Papirus, 1994.

SAMPAIO. Simaia. Transtornos de dificuldades e aprendizagens: entendo melhor os alunos com necessidades especiais. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Gestão Democrática da Educação: Exigências e Desafios. RBPAE. v.18, n2, jul.dez. 2002.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Mentis inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade. 4 ed.- São Paulo: Globo, 2014.